

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MARCELO PINTO WERNECK

A ATUAÇÃO DO HEZBOLLAH NA GUERRA DE 2006:

Um grupo terrorista ou um partido político ?

Rio de Janeiro

2019

CC MARCELO PINTO WERNECK

A ATUAÇÃO DO HEZBOLLAH NA GUERRA DE 2006:

Um grupo terrorista ou um partido político ?

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG(RM1) Claudio M. Jobim

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2019

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento de muita emoção, gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a transpassar mais uma etapa na carreira. Em primeiro lugar a Deus por me dar sabedoria e saúde nos momentos difíceis da minha vida. À minha esposa Jaqueline e meu filho Theo Marcelo por entenderem que este momento de sacrifício e dedicação é pensando neles. Aos meus queridos pais, pela educação e caráter que herdei. Por fim, agradeço ao meu orientador, CMG (RM1) Jobim, pelas orientações e paciência a mim dispensadas.

## **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de analisar a postura Hezbollah durante a segunda guerra do Líbano (2006) e ao final concluir se, à luz dos conceitos apresentados, as ações de um ator não-estatal na referida guerra podem caracterizá-lo como um grupo terrorista ou um partido político com braço armado. Para isso foi utilizada uma abordagem dedutiva e pesquisa bibliográfica, perpassando por conceitos e definições afetas ao tema terrorismo. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foi abordado as origens do Hezbollah, seu comportamento durante o conflito e o confronto de sua postura com as definições de terrorismo na visão ocidental e do mundo árabe. Ao final, foi concluído que o braço armado do Hezbollah, durante a guerra de 2006, agiu como terrorista.

Palavras-chave: Hezbollah. Terrorismo. Israel. Guerra de 2006.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Teoria do conflito.....	13
Figura 2 - Enquadramento jornalístico do terrorismo.....	15
Figura 3 - Área do conflito.....	26
Tabela 1 - Frequências de elementos de definição em 109 definições de terrorismo.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>O ENTENDIMENTO DE TERRORISMO NO MUNDO .....</b>	<b>8</b>
2.1	DEFINIÇÕES E CONCEITOS .....	8
2.2	GUERRILHA, TERRORISMO E CRIME. ....	11
2.3	BUSCANDO A LEGITIMIDADE .....	11
2.4	O PAPEL DA MÍDIA .....	14
2.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	15
<b>3</b>	<b>A ALTERAÇÃO DE POSTURA DO HEZBOLLAH. ....</b>	<b>17</b>
3.1	A ORIGEM .....	17
3.2	AS VERTENTES DO HEZBOLLAH .....	19
3.2.1	O campo militar .....	19
3.2.2	O campo social .....	20
3.2.3	O Campo político .....	20
3.2.4	Os colaboradores .....	21
3.3	AS AÇÕES DO HEZBOLLAH COMO GRUPO TERRORISTA .....	22
3.4	OS ANTECEDENTES DA GUERRA DE 2006 .....	23
3.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	24
<b>4</b>	<b>UM NOVO HEZBOLLAH SURGE EM 2006 .....</b>	<b>26</b>
4.1	A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO .....	26
4.1.1	Os objetivos do Hezbollah .....	28
4.1.2	Os objetivos de Israel .....	29
4.1.3	Hezbollah: uma nova postura aparece .....	31
4.1.4	Consequências do conflito .....	33
4.2	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	34
<b>5</b>	<b>CONFRONTO DA TEORIA COM A REALIDADE NA GUERRA DE 2006 ...</b>	<b>36</b>
5.1	A COMPLEXIDADE .....	36
5.2	A DEFINIÇÃO NORTE-AMERICANA .....	37
5.3	A VISÃO DA ONU .....	37
5.4	O POSICIONAMENTO PALESTINO .....	38
5.5	A MÍDIA A FAVOR DO HEZBOLLAH .....	38

5.6	A CONQUISTA POLÍTICA .....	39
5.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	39
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, o Líbano tem sido palco de grandes guerras civis e invasões. A partir de 1982, surgiu um ator não-estatal que aproveitou um vácuo de poder do Estado libanês e seu posicionamento contrário à Israel para se consolidar na esfera política e militar. É nesse contexto que o propósito do presente trabalho é analisar as ações do Hezbollah durante a segunda guerra do Líbano (2006), sendo este conflito a limitação do presente estudo, ao final será possível concluir se, a luz dos conceitos apresentados, a postura de um ator não-estatal pode ser considerada como a de um grupo terrorista.

Para atingir o propósito do estudo, foi utilizada nesta dissertação uma abordagem dedutiva, pesquisa bibliográfica, além dos conhecimentos adquiridos por este autor, na Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL) em 2015.

Este trabalho encontra-se dividido em 5 capítulos, sendo o primeiro capítulo esta introdução. Assim, será apresentado no capítulo 2 um conjunto de conceitos e definições de terrorismo, que servirá como embasamento teórico. Observou-se que existem muitos conceitos de terrorismo e ainda, definições que, além de complexas, amplas e por vezes antagônicas, refletindo em parte, a imparcialidade de cada ator. O capítulo citado também apresenta em termos teóricos, como o terrorismo dialoga com a legitimidade e com a mídia.

No capítulo 3, será abordada a evolução do Hezbollah, desde sua formação, perpassando pelas vertentes social, militar e política, além de seus colaboradores e suas ações terroristas, até chegar nos momentos que antecederam a guerra de 2006.

No capítulo 4, será apresentada uma síntese da guerra em questão, em que serão destacados os principais objetivos dos dois lados, as ações do Hezbollah e sua nova postura, e por fim as consequências do conflito.

No capítulo 5, serão confrontadas as ações do Hezbollah na guerra com as definições de terrorismo estadunidense, da Organização das Nações Unidas (ONU) e da



palestina. E além disso, será abordado como o Hezbollah usou a mídia a seu favor e um breve resumo de influência política.

Por fim, na conclusão, será apresentado se as ações do Hezbollah na guerra de 2006 foram compatíveis com ações terroristas.

## 2 O ENTENDIMENTO DE TERRORISMO NO MUNDO

O arcabouço teórico desta dissertação será abordado neste capítulo e atuará como base para o entendimento do assunto em lide, pois apresentará aspectos essenciais para uma ambientação sobre o fenômeno do terrorismo, buscando uma definição que possa enquadrar o “partido de Deus”, como é conhecido o Hezbollah, como um partido político, um grupo terrorista ou ambos, logo após a segunda guerra do Líbano (2006). Assim, nesse contexto, pretende-se abordar as diversas percepções deste complexo tema pelos principais blocos, instituições, especialistas e Estados em uma visão histórica delimitada temporalmente.

### 2.1 DEFINIÇÕES E CONCEITOS

A prática do terrorismo não é um fenômeno atual conforme descreve Woloszyn (2009), pois estima-se que tal termo está presente na humanidade desde a república romana no século III a.C, como tática militar, utilizadas pelos exércitos em ações contra a população civil. Na mesma linha, Tsu (2006), há mais de quatrocentos anos antes de Cristo, se refere ao terror como estratégia de guerra quando afirma “mate um, amedronte dez mil”, ou ainda, quando recomenda algumas estratégias para “vencer um inimigo”. Sobre o terrorismo, apesar de suas práticas que remontem o século III a.C, até hoje, suas definições não estabelecem um consenso entre os especialistas. Sobre essa questão, DEGAUT (2014, n.p) escreve:

[...] Chegar a uma definição do terrorismo é tarefa complexa. O termo possui carga tão pejorativa que é comumente usado como epíteto sem qualquer sentido condizente com seu real significado. A ausência de um tratamento mais preciso dessa palavra tem implicado seu uso abusivo, o qual serve para caracterizar qualquer tipo de ação violenta, de natureza criminoso ou não. Em uma conotação propagandística, é usado para caracterizar qualquer ação violenta, de caráter físico ou psicológico e de natureza “*radical*”, “*fanática*” ou “*extrema*”. Entretanto, a fim de não deixar o significado central do termo terrorismo se diluir em ideias excessivamente difusas, o que permite sua manipulação de acordo com objetivos e conveniências políticas, como frequentemente acontece, necessário se faz tentar formular uma conceituação e eventual definição do fenômeno, tendo o cuidado de restringir ao máximo sua possível área de abrangência. (DEGAUT, 2014, n.p., grifo nosso)

Ao longo da pesquisa, pôde-se constatar a tal complexidade que existe para se

definir “Terrorismo”, pois diversas visões devem ser analisadas, tais como religião, política e ideologia. Como trata Moreira (2004), o terrorismo é um termo polissêmico com uma forte carga política em que a demonização é um recurso permanente. Ainda corroborando com o tema, Sinai (2008), destaca que a definição de terrorismo é um dos aspectos mais ambíguos dos estudos de terrorismo, uma vez que não há uma definição universalmente aceita que possa diferenciar ataques contra civis não combatentes ou alvos militares, tampouco que leve em conta as últimas tendências nas práticas terroristas ou em seus objetivos. E essa ambiguidade se aplica tanto no âmbito acadêmico quanto no que concerne a definições oficiais de Estados ou de organizações internacionais.

No âmbito mundial, a própria Organização das Nações Unidas (ONU), apesar de decretar algumas resoluções afetas ao tema, não possui uma conceituação própria de terrorismo, porém o considera um crime comum e não de natureza política, fato que não admite o asilo, mas sim a extradição, como afirma WOLOSZYN (2009). Além disso, a assembleia geral da Organização das Nações Unidas (ONU), de 9 de dezembro de 1994, promulgou a Resolução 49/60 que trata das “Medidas para Eliminar o terrorismo internacional”, na qual destaca que são atos injustificáveis sob qualquer prisma, pois cita que “atos criminosos, [...] não são justificáveis em nenhuma circunstância, quaisquer que sejam as considerações políticas, filosóficas, raciais, étnicas, religiosas ou de outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los”<sup>1</sup>. Para Gonçalves e Reis (2017) o texto da resolução, é pouco exequível, pois, há muitos interesses em conflito sobre o tema, entre os países-membros da organização, o que dificulta um consenso mundial, que pode ser explicado pela percepção que determinados atores têm do agente do fenômeno terrorista, pois aquele que promove o ato terrorista, dependendo de quem o analisa, pode percebê-lo como um assassino ou um soldado da liberdade (JOBIM, 2019). Essa dicotomia entre diferentes percepções está

---

1 UNITED NATIONS. *General Assembly. A/RES/49/60, 9 December 1994*. Disponível em: <<http://www.un.org/documents/ga/res/49/a49r060.htm>> (acesso em 06 jun. 2019).

exposta no pensamento do líder palestino Yasser Arafat materializado em seu discurso<sup>2</sup> na ONU em 1974. Já a Resolução nº 1.566 (2004), do Conselho de Segurança da ONU faz referência a “atos criminosos, incluindo aqueles contra civis,[..] objetivo de causar morte ou lesões corporais graves [..] tomada de reféns, com o propósito particular de provocar um estado de terror [..] no público em geral ou em um grupo de pessoas”.<sup>3</sup>

Nos Estados Unidos da América (EUA), dentro do próprio governo não se tem uma definição comum entre os órgãos. Neste trabalho será considerada a definição do Federal Bureau of Investigation (FBI) que trata do assunto como “uso ilegítimo de força ou violência contra pessoas ou propriedade para intimidar ou coagir um governo, a população civil, para alcançar objetivos políticos ou sociais” (SCHMID, 2011, p.91)

Em termos de Brasil, a visibilidade mundial do Estado Islâmico (EI) e os grandes eventos sediados em anos recentes (Olimpíadas, Copa do Mundo, Jornada Mundial da Juventude, Copa das Confederações, etc.) propiciaram que o terrorismo passasse a ser visto como uma ameaça potencial ao Estado, demandando ajustes na estrutura pública ligada ao tema e no ordenamento jurídico, o que resultou na promulgação da Lei nº 13.260/2016<sup>4</sup>.

---

2 A diferença entre um revolucionário e um terrorista se encontra na razão pela qual cada um luta. Porque todo que defende uma causa justa e luta pela liberdade e pela liberação de sua terra dos invasores ou contra colonizadores não pode ser chamado de terrorista [...], caso contrário muitos de vocês que estão nessa sala da assembleia seriam considerados terroristas.

3 UNITED NATIONS. Security Council. S/RES/1566 (2004), 8 October 2004. Disponível em: <[https://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/RES/1566%20%282004%29](https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566%20%282004%29)>. Acesso em: 03 jun. 2019.

4 O Art. 2º da Lei 13.260 finalmente define o que é terrorismo, identificando-o na prática de atos como: 1) usar ou ameaçar usar, transportar, guardar, portar ou trazer consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios capazes de causar danos ou promover destruição em massa; 2) sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento; 3) atentar contra a vida ou a integridade física de pessoa. Em todos esses casos, a motivação para tanto deverá ser xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião e tais atos terão que ser cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública.

## 2.2 GUERRILHA, TERRORISMO E CRIME.

Cabe neste momento diferenciar o termo terrorismo de Guerra de guerrilha, pois ambos podem ter posturas similares em suas ações e finalidades. Como pontua Whittaker (2001), isso não é de se admirar, já que a guerrilha usa suas táticas (assassinatos, sequestros) com os mesmos propósitos dos terroristas (intimidar, coagir e assim afetar comportamentos pelo medo). O autor desenvolve sua diferenciação quando cita a guerrilha como um grupo numericamente maior de indivíduos armados, operando como unidade militar, atacando forças militares inimigas, conquistando e mantendo território. Por outro lado, afirma que os terroristas não atuam em terreno aberto como unidades armadas, não tentam manter e conquistar territórios, evitam de forma deliberada o engajamento com forças inimigas e raramente exercitam qualquer controle ou soberania sobre território ou população.

Outra importante questão a se refletir, é o entendimento da diferença entre terroristas e criminosos. Enquanto o primeiro faz do uso da violência para um fim específico, o segundo visa auferir lucro e material indevido.

## 2.3 BUSCANDO A LEGITIMIDADE

É possível observar que, ao longo da história, alguns grupos terroristas, com intuito de tentar melhorar sua reputação, ou até mesmo, de buscar uma legitimidade perante a sociedade local ou no âmbito mundial, desenvolvem um “braço” político e buscam esse poder, principalmente, nos parlamentos. Dessa maneira Lins e Stepan (1999) descrevem que os partidos políticos são essenciais no desenvolvimento de normas e procedimentos para enfrentar a tensão entre os partidos, uma vez que a possibilidade de contestá-los no poder, reforça as normas pacíficas de poder. Para além de permitirem esta mudança pacífica, os partidos também facilitam adaptação e compromisso, controlando a pressão do sistema democrático que asseguram a

representação da sociedade civil (COPPEDGE, 1994).

Com o intuito de encadear o pensamento, neste trabalho, o entendimento de conflito se espelha em Freud (1995) que assim apresenta a sua definição para conflito:

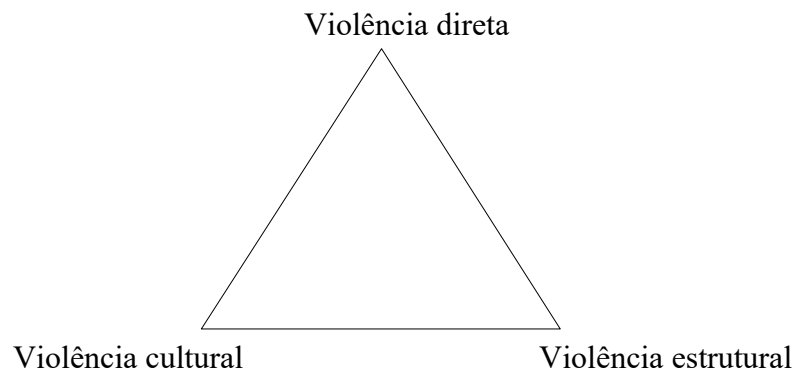
“O conflito é o enfrentamento por choque intencional entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, uns em respeito aos outros, uma intenção hostil, geralmente a propósito de um direito, e que para mantê-lo, afirmá-lo ou restabelecê-lo, tratam de romper a resistência do contendor, eventualmente, com o recurso da violência, que pode até tender ao aniquilamento físico do outro.” (FREUND, 1995, p. 58, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Huntington (1993), entende que o conflito entrou em uma nova fase no mundo moderno, pois os Estados permaneceram poderosos como se viu ao longo dos séculos; Porém, o choque de civilizações dominou a política de hoje. Ainda, destaca que os grupos de civilização constituem uma alta relevância cultural ligada à sua identidade, o que poderia ser distinta em vários pontos. Esses pontos ou visões das pessoas de diferentes civilizações são básicos e podem ser “tanto por elementos objetivos comuns, como idioma, história, religião, costumes, instituições ou pela autoidentificação subjetiva das pessoas” (HUNTINGTON, 1993, p. 24). Como a história revela, a capacidade das civilizações de permanecer a mesma não foi provada ser possível, pois caíram ou se fundiram em outra subdivisão, redefinindo suas identidades, FRANJIE (2011). No entanto, ainda Franjie (2011) mostra que a ascensão e queda de diferentes civilizações, e possíveis interações bilaterais e multilaterais, geraram conflitos e estimularam a violência no mundo moderno e embora essas mesmas interações tenham levado à globalização e aceitação da coexistência, este processo tem desempenhado m papel na diminuição das identidades.

---

5 *El conflicto consiste en un enfrentamiento o choque intencional entre dos seres o grupos de la misma especie que manifiestan los unos hacia los otros una intención hostil, generalmente acerca de un derecho, y que, para mantener, afirmar o restablecer el derecho, tratan de romper la resistencia del otro, usando eventualmente la violencia, la que podría llevar al aniquilamiento físico del otro.*

Para Galtung (1990), existem três formas de violência que levam a uma outra.



**Figura 1:** Triângulo do conflito<sup>6</sup>

Essa teoria define os tipos de violência em uma forma triangular como mostrado na Figura 1. Cada ângulo representa vários tipos de violência. A violência direta é o ato real de violência que pode ser rastreado até a nível individual. Por exemplo, se alguém atacou ou aterrorizou outro, é definido como violência.

A violência estrutural é indireta, embora ainda haja violência, não pode ser rastreado até um ator individual e não precisa ser intencional. Por exemplo, a baixa renda dos indivíduos que podem não ter educação adequada, e maus serviços médicos devido a recursos distribuídos desigualmente. Eles estão limitados de alcançar o que precisam com base em estruturas sociais.

A violência cultural é uma parte da cultura, que pode ser entretenimento, artes, religião e ideologia, entre outros, que poderiam ser usados para legitimar ou justificar o ato de violência. Por exemplo, o assassinato de honra é o ato de violência em que os indivíduos identificam esta ação como parte da cultura ou religião para que ela seja justificada.

Ainda Galtung (1990) considera que a violência tem duas tipologias diferentes: “O estudo da violência cultural evidencia a maneira como o ato de violência direta e o fato da violência estrutural são legitimados e, portanto, aceitável na sociedade” (GALTUNG, 1990, p. 292).

<sup>6</sup> Galtung (1990), tradução nossa.

Segundo Mulaj (2013), as ações violentas podem ser resolvidos por atores não-estatais e estatais, pois ambos podem recorrerem à violência organizada como ferramenta para atingir seus objetivos. A diferença de postura entre esses atores está na legitimação do uso da força, pois os atores estatais são reconhecidos como legítimos, ao passo que os atores não estatais não os são. Isso não quer dizer que atores não estatais não buscam legitimação.

Franjie (2011) mostra que ao estabelecerem instituições que forneçam ao público os serviços geralmente financiados pelas estruturas governamentais, os atores não-estatais estabeleceram uma espécie de legitimidade como a governo.

## 2.4 O PAPEL DA MÍDIA

Não menos importante, o tratamento da mídia com o terrorismo é primordial e será abordado neste trabalho.

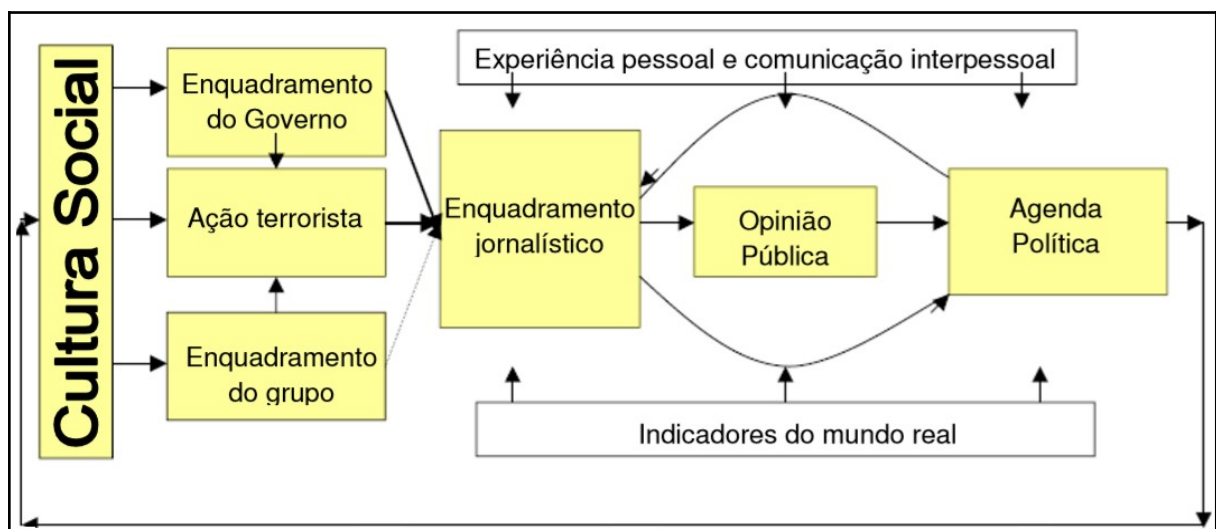
As operações de violência intensificaram-se ao longo dos anos com a criação de meios de comunicação que se tornaram uma ferramenta para a globalização, aumentando o conhecimento, com notícias diárias, através do globalizado mundo virtual.

A mídia não tem sido somente uma ferramenta de informação, ela se tornou poderosa e rápida na mobilização da indignação, influenciando indivíduos para se tornarem defensores ou contrárias à determinada causa. Assim, Franjie (2011) constata que a forma como uma história é enquadrada pode ter uma forte influência sobre as atitudes das pessoas em relação uma questão. Algumas organizações no mundo, especificamente terroristas e até Estados-nação tornaram-se dependentes da mídia para ganhar atenção.

Norris (2003) considera que os meios de comunicação social usam enquadramento que simplificam, hierarquizam e estruturam a corrente narrativa dos acontecimentos. O citado ator apresenta um quadro analítico, na figura 2, que mostra todo o processo da cobertura jornalística de um ato terrorista.



Em linhas gerais, o modelo identifica sistematicamente os fatores primordiais que contribuem para criação de notícias e como estas influenciam a opinião pública e o processo político. Para exemplificar o uso do modelo, por ocasião do incidente de 11 de setembro, a cobertura norte-americana se deu com os jornalistas usando pins com a bandeira dos EUA, bem como as mesmas eram usadas no logotipo dos canais de comunicação, ou seja, a reportagem era unilateral, colocando a mídia ao lado do povo norte-americano e ainda influenciando decisões políticas.



**Figura 2:** Enquadramento jornalístico do terrorismo

Fonte: (Norris, 2003).

## 2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em que pese a vasta bibliografia sobre o terrorismo, sua complexidade provoca uma ausência de conceito consensual, pode-se concluir parcialmente que esse fato não limita a pesquisa, pelo contrário, provoca um incentivo ainda maior pelo estudo da mudança de postura do “Partido de Deus” após a guerra de 2006, para que se possa sustentar ao final, a questão de pesquisa deste trabalho científico.

A legitimidade do uso da força por meio de violência praticada por um ator não-estatal, como um grupo considerado terrorista, contra um Estado, dificilmente terá apoio da

opinião pública ou organismos internacionais. Mas, se tal grupo alterar sua postura terrorista, praticar suas ações violentas em autodefesa, protegendo a soberania de seu Estado-nação anfitrião, esse grupo deixa de ser terrorista? A legitimidade torna-se mais possível?

A imprensa tem papel fundamental na influência da opinião pública. Por um lado, os terroristas ou outros atores não-estatais utilizam-se dessa ferramenta para atingir seus objetivos políticos e demonstrar poder. E por outro lado, também podem usar a mídia para tentar justificar suas ações e obter legitimidade, por ocasião de um conflito contra um Estado, enviando filmes e fotos de inocentes mortos nas redes sociais.

### 3 A ALTERAÇÃO DE POSTURA DO HEZBOLLAH.

Com o intuito identificar a evolução do Hezbollah desde de sua criação e consequentemente contribuir para o atingimento do propósito do trabalho, neste capítulo será apresentada uma síntese da formação do partido, suas vertentes política, social e militar, suas principais ações e por fim, os antecedentes da guerra de 2006.

#### 3.1 A ORIGEM

No final da década de 1960, ocorreu no Oriente Médio uma explosão demográfica dos muçulmanos xiitas<sup>7</sup>, porém as causas não serão citadas e analisadas neste trabalho. No que se refere ao território libanês, não foi diferente e teve como principal consequência o surgimento do espírito de união entre os religiosos. Grande parte dos xiitas pertencia ao proletariado rural da porção sul do Estado. Com o crescimento da população, a situação econômica da região sul se degradou, pois não conseguia suprir a necessidade de todos os muçulmanos que viviam por lá. Observou-se então, um êxodo rural na direção da capital Beirute, tornando-se propenso o surgimento de uma classe desfavorecida no sul do Líbano que posteriormente contribuiu para a criação do Hezbollah, como será visto a seguir.

O nome Hezbollah é a combinação de duas palavras árabes "Hezb" que significa "partido" e "Allah" que significa "Deus". Portanto, Hezbollah significa "o partido de Allah" ou "o partido de Deus". Após a invasão do Líbano por Israel em 1982, muçulmanos xiitas formaram o grupo militante Hezbollah que se tornou a principal resistência contra o Israel. Além disso, outras possíveis causas para o surgimento do Hezbollah foram a Revolução Islâmica do Irã (1979) e a pouca influência dos xiitas no Líbano. Na época do surgimento do Hezbollah, as condições de vida de muitos dos xiitas libaneses eram precárias, fruto de uma longa guerra civil (1975-1990) e por conta disso, o governo libanês foi prejudicado em

---

7 Indivíduo que segue o xiismo, uma das duas grandes vertentes do Islamismo.

fornecer os serviços de bem-estar necessários ao seu povo. Esse fato criou um vácuo social , que os muçulmanos<sup>8</sup> logo aproveitaram a oportunidade e preencheram. Mesmo antes do nascimento do Hezbollah, os muçulmanos já haviam criado uma rede de instituições religiosas, médicas, de caridade e educação para ajudar os xiitas menos favorecidos. O frágil contexto social, econômico e político dos xiitas libaneses ajudou a fomentar uma mobilização social, pois se sentiam menosprezados pelo governo libanês.

O Hezbollah percorreu um longo caminho desde seu surgimento em 1982. O que começou como uma organização supostamente terrorista que estava engajada para derrubar o governo libanês pela força, transformou-se em uma organização híbrida que passou a querer alcançar o mesmo objetivo, porém, por meio, também de ações legítimas e de dentro do sistema político libanês.

As origens do Hezbollah como uma organização híbrida<sup>9</sup> remontam ao seu nascimento, quando se constituiu como um “guarda-chuva” para organizações xiitas pró-iranianas no Líbano que compartilhavam uma obediência comum ao antigo líder supremo iraniano, o aiatolá Khomeini. Ganor (2012) descreve que para ser uma organização terrorista híbrida tem que possuir duas vertentes: primeiro, a clássica organização terrorista que visa perpetrar ataques terroristas e, segundo, a questão política, representada por sua ideologia, buscando de legitimidade participando de eleições democráticas.

O Hezbollah tornou-se uma organização híbrida, que atua em três ramos: primeiro, o Dawa, bem-estar social e educação religiosa; segundo, a JIHAD de “resistência” militar; terceiro, a esfera política. Atuam em sinergia e interconectadas entre si. Como afirma Ganor (2012), a maturação do Hezbollah em uma organização terrorista híbrida aconteceu ao longo dos anos e como resultado da combinação dos seguintes fatores: ideologia, base popular de apoio, liderança e a sociedade na qual está inserida.

---

8 Aquele que segue a fé islâmica.

9 Refere-se as vertentes: política, militar e social.

Em 1985, o Hezbollah revelou pela primeira vez sua plataforma e ideologia através de documento publicado na imprensa libanesa e lido em voz alta por seu porta-voz em uma mesquita. Esse documento estabeleceu as bases sobre as quais o Hezbollah operaria durante os anos que se seguiam. Além de outras questões importantes, a carta declarou que o Hezbollah considerava suas atividades militares entrelaçadas com sua estrutura popular de bem-estar social (WIEGAND, 2009).

Mais tarde, o Hezbollah usou a mesma rede para divulgar o islamismo e recrutar novos membros para suas fileiras, e além disso, também usou seus canais de mídia para promover seus princípios e objetivos, transmitir suas mensagens e criar seus mitos (AZANI, 2013).

## 3.2 AS VERTENTES DO HEZBOLLAH

### 3.2.1 O campo militar

No campo militar, o Hezbollah põe em práticas suas operações para cumprir as metas compartilhadas pela comunidade xiita. O grupo tende a explorar a raiva e a frustração dos xiitas e, podendo usar uma narrativa religiosa e nacionalista com intuito de cooptar outros xiitas. Alguns xiitas estão abertos à mensagem do Islã radical e estão ansiosos para se engajar em uma ação coletiva para promover as aspirações islâmicas (WIEGAND, 2009).

A guerra civil e a presença de estrangeiros no Líbano (tropas israelenses e a força multinacional das Nações Unidas) contribuíram para formar um ambiente tenso que acabou contribuindo para as ações militares do Hezbollah em termos de estratégias de longo prazo. O Hezbollah estava empenhado em apresentar sua inovação militar ao confrontar Israel.

A audácia militar do Hezbollah ecoou no exterior e se tornou uma grande ferramenta de propaganda para o grupo (AZANI, 2012).

### 3.2.2 O campo social

Além de fornecimento de armas e itens militares, o Irã apoiou financeiramente o Hezbollah, o que possibilitou ao grupo estabelecer instituições de bem-estar social e ajudou a expandir sua popularidade, pois o Hezbollah, em alguns momentos, pode ter sido mais presente do que o próprio Líbano CHAMA (2018).

Ainda neste sentido, Chama (2018) exemplifica que após a operação israelense “uvas de Ira”<sup>10</sup>, o Hezbollah declarou ter reconstruído 5.000 casas em 82 aldeias, estradas, infraestrutura, além de compensações ofertadas a 2.300 agricultores, em apenas dois meses, o que demonstra sua adoção de políticas de auxílio e cooperação para parte da população libanesa, Consolidando sua influência entre os povos, o Hezbollah passa a receber maior respaldo para suas ações políticas e militares.

### 3.2.3 O Campo político

O “partido de Deus” rapidamente aproveitou a oportunidade para se fortalecer politicamente em sua rede de assistência social, tornando-se a entidade mais dominante no país. (WIEGAND, 2009). O grupo iniciou sua participação no sistema político libanês em 1992 com a premissa de atuar dentro dos limites do sistema político do Estado e que cumpriria suas regras em todos os seus níveis: governo, parlamento e municipal. Porém, de fato, sempre que conveniente, o grupo agiu fora do sistema político, criando suas próprias alianças e usando a política de forma indiscriminada para mudar as decisões a seu favor, a fim de alcançar seus objetivos políticos de poder.

A entrada do Hezbollah no parlamento em 1992 foi na verdade o começo de uma estratégia de longo prazo para controlar a política libanesa (NORTON, 2009). No entanto, a decisão do grupo de entrar na arena política no final da guerra civil não foi consensual. Os

---

10 Operação israelense contra o Hezbollah, a qual devastou o sul do Líbano em 1996.

elementos radicais dentro da liderança do Hezbollah se opuseram fortemente a esse movimento, argumentando que o grupo deveria ter mantido sua postura revolucionária que visava derrubar o governo libanês de fora do sistema político (WIEGAND, 2009).

Daher (2016) lembra que, assim como a comunidade xiita, os sunitas também desejavam aumentar o grau da participação muçulmana nas instituições do governo libanês. Por outro lado, os líderes mais pragmáticos do grupo (Abbas Al-Musawi e Hassan Nasrallah) favoreceram a entrada do Hezbollah na arena política, mantendo a "resistência" islâmica (AZANI, 2013).

Para decidir sobre esta questão, foi criada uma comissão especial para examinar os prós e os contras da adesão ao parlamento e suas implicações para a "resistência". No final, o comitê decidiu que o Hezbollah deveria de fato participar do sistema político libanês, conforme menciona Azani (2013) que por último, a decisão do Hezbollah de se juntar ao sistema político libanês foi endossada por seus patrocinadores estrangeiros: Irã e Síria.

Desde o seu início, o Hezbollah sobreviveu a diversos desafios e tem sido capaz de superá-los, devido a fatores internos e externos, entre eles: liderança, coerência organizacional, disciplina, táticas militares, violência política, financiamento externo, rede mundial de facilitadores, treinamento militar iraniano e sírio.

Dessa forma, pode-se constatar que o Hezbollah priorizou a sementeira de boas relações com os xiitas libaneses, sabendo que essa base de apoio poderia ser sua última linha de defesa.

#### 3.2.4 Os colaboradores

Pode-se inferir que o Irã e a Síria foram os principais atores no surgimento do Hezbollah, pois perceberam que o grupo poderia, além de influenciar politicamente e ideologicamente o Líbano, resistir ao poder militar de Israel. De forma resumida, pode-se

afirmar que o Irã forneceu armas e artigos militares utilizando a fronteira da Síria. Além disso, realizou o seu treinamento e ainda contribuiu financeiramente com o Hezbollah, que começou a sua influência social no Líbano. Como lembra Woloszyn (2009), o “partido de Deus”, assim como o Hamas, movimento islamista palestino de orientação sunita, também atua em atividades de auxílio à população libanesa por meio da manutenção de escolas voltadas para a educação religiosa, desenvolvimento de sistemas de agricultura e saúde. Conforme descreve Visacro (2009), o Hezbollah, graças aos seus patrocinadores, armou-se com mísseis balísticos Zelzal, de procedência iraniana, com alcance de até 260 quilômetros, dotados de um sistema de pontaria inercial; mísseis de cruzeiro NOOR<sup>11</sup>; lançadores múltiplos de foguete Arash de 122 mm; veículos aéreos não tripulados Mohajer, oriundos do Irã; foguetes de médio e de longo alcance; dentre outros.

### 3.3 AS AÇÕES DO HEZBOLLAH COMO GRUPO TERRORISTA

Entre as principais ações do Hezbollah destacam-se: um ataque suicida contra as forças de paz em Beirute, em outubro de 1983, que resultou na morte de paraquedistas franceses e militares norte-americanos. A ação resultou na retirada de tropas norte-americanas do Líbano; em 14 de junho de 1985, o sequestro de um Boeing 727 que decolou de Atenas e resultou na morte de um soldado norte-americano e 70 militares foram feitos como reféns. A ação resultou na retirada de tropas dos EUA do Líbano no início de 1984. Ao longo da década de 1990, o Hezbollah passou a utilizar carros-bomba e explosivos com acionamento remoto em estradas e alvos israelitas. Em 1993, o grupo xiita atacou a embaixada norte-americana no Líbano, matando cerca de 60 pessoas, entre elas 06 agentes da Central Intelligence Agency (CIA).

---

11 Missil com capacidade de engajar embarcações distantes até 120 quilômetros da costa.



### 3.4 OS ANTECEDENTES DA GUERRA DE 2006

Como já visto, os embates entre Hezbollah e Israel, remonta a criação do “partido de Deus”. Após a Guerra Civil Libanesa (1975-1990), a relação entre ambos os atores, foi de discursos veementes, de manobras políticas e ações isoladas de cunho hostil.

Referente à guerra de 2006, diversas fontes e os meios de comunicação da época apontam o sequestro de dois militares israelenses como estopim para o início dos conflitos. Entretanto, percebe-se que alguns fatos anteriores tiveram relevância na eclosão da situação belicosa. Até 2004, pouco ou nada se tinha sobre a evolução da capacidade militar do Hezbollah.

Então, a ONU em 2004, por meio do seu Conselho de Segurança, resolveu aprovar a Resolução 1559/2004 de setembro, onde prevê que todas as tropas não pertencentes ao Líbano deveriam ser retiradas do país e que o Líbano deveria posicionar suas tropas regulares ao sul. Percebe-se, sem dificuldades, que a citada resolução fez referência ao Hezbollah e era uma tentativa da organização de reafirmar o Estado libanês como Estado soberano.

O assassinato do ex Primeiro-Ministro do Líbano Rafiq al-Hariri, em 14 de fevereiro de 2005, mudou as regras do jogo. Este acontecimento gerou insatisfação popular e de certa forma até ocidental contra a Síria, pois centenas de milhares de libaneses pediram a retirada da Síria do Líbano. Além disso, a ONU, os Estados Unidos e a França insistiram na retirada imediata da Síria.

Finalmente, a Síria foi obrigada a retirar-se do Líbano em abril de 2005, e o Líbano entrou em uma nova era após a formação de uma maioria anti-Síria dentro do novo parlamento e governo. Os estados ocidentais acreditavam que essa nova frente política libanesa enfraqueceria a força militar e política do Hezbollah, mas não foi o que aconteceu, pois a complexidade do sistema político ou governamental libanês não permitiu.

Assim, nas eleições de 2005, em que o Hezbollah conseguiu certa representatividade no Parlamento, a maioria dos assentos ficou com os aliados de Fouad Siniora, líder libanês alinhado com Israel e que, um pouco antes das eleições, estreitou laços com os israelenses. Fouad Siniora, ao iniciar seu mandato de primeiro-ministro libanês, invocou a Resolução 1559/2004, ou seja, começou um movimento para o desarmar o Hezbollah. Desde então, os discursos ofensivos foram intensificados entre os dois lados. Como se não bastasse os calorosos discursos de Hassan Nasrallah e dos líderes israelenses, havia libaneses sequestrados em Israel por vários motivos.

No dia 24 de Abril de 2006, Nasrallah se pronunciou, durante um evento, que tomaria providências cabíveis caso Israel não soltasse os libaneses. E a atitude do Hezbollah foi, no dia 12 de Julho de 2006, sequestrar dois soldados israelenses. A prática de sequestros por ambos os lados era comum, por isso não foi considerada como a causa efetiva e sim um estopim para a segunda guerra do Líbano.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao final deste capítulo, pode-se concluir que a evolução do Hezbollah de um pequeno grupo islâmico às margens da sociedade xiita para uma organização dominante no Líbano é o resultado de seus relacionamentos dentro e fora do país, em conjunto com sua transformação em uma organização híbrida. Assim, pode-se constatar que os serviços sociais prestados pelo Hezbollah foram fortemente financiados pelo Irã ou fornecidos por instituições iranianas, como segue: assistência médica, educação, atividades culturais, doutrinação e treinamento militar. Portanto, gradativamente, o Hezbollah foi conquistando o apoio popular necessário, uma vez que a população passou a temer cada vez menos a oposição de Israel, assim como as famílias passaram a se identificar com a causa e, por conseguinte, a incentivar que seus filhos engajassem na luta daquele partido (AZANI, 2011).

A vida política do Hezbollah fortaleceu-se ao longo dos anos, tornando-se uma das partes mais importantes do Líbano. Começou seu diálogo aberto com os cristãos, sunitas e outras seitas religiosas no Líbano que eventualmente levaram a estabelecimento de novas coalizões.

Em que pese a pesquisa ter mostrado uma gama de informações sobre o patrocínio, principalmente do Irã, o Hezbollah tenta assumir a posição de organização independente, como frisa seu próprio secretário-geral, Hassan Nasrallah, “Eu e meus irmãos não aceitamos armas e dinheiros sob condições” (NOE, 2007).

Parece ser inegável a transformação do Hezbollah desde sua criação até os momentos que antecederam a segunda guerra do Líbano de 2006. O fortalecimento do grupo se deu por diversos motivos ao longo dos anos, com maior destaque na participação de ações de bem-estar à população libanesa, que contribuiu para a sua ascensão e influência política.

No que se refere ao braço armado, o apoio do Irã em treinamento militar, aprimorando suas táticas, fornecimento de armas, e ainda participações em conflitos externos ao Líbano contribuíram para tornar o “partido de Deus” mais organizado em suas atividades durante a guerra de 2006.

## 4 UM NOVO HEZBOLLAH SURGE EM 2006

O presente capítulo pretende permitir que se tenha da guerra de 2006, para que possamos analisar a postura do Hezbollah durante o conflito. O mapa abaixo, de autor desconhecido, destaca a área do conflito.



Figura 3<sup>12</sup>:Área do conflito

### 4.1 A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO

A presença israelense no sul do Líbano durou cerca de 20 anos, sendo as tropas retiradas no ano de 2000, em cumprimento à resolução 425 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). A ausência de Israel na fronteira norte do país foi aproveitada pelo Hezbollah que consolidou sua influência na região. A capacidade militar do Líbano era limitada, pois o Estado não empregava sua força militar ativamente há cerca de 30 anos. Esse papel, durante a segunda guerra do Líbano (2006), ficou nas mãos do Hezbollah, já o país anfitrião atuou apenas no campo diplomático. A segunda Guerra do Líbano, como os

12 Disponível em: <[www.pbs.org/now/shows/229/middle-east-history.html](http://www.pbs.org/now/shows/229/middle-east-history.html)>. Acesso em: 31 jul. 2019.

israelenses a chamam, ou Guerra do verão, como é conhecida pelos libaneses, teve início no dia 12 de julho de 2006 e seu cessar fogo foi no dia 14 de agosto do mesmo ano, três dias após a resolução nº 1701<sup>13</sup> do CSNU, em que pedia a “cessação total das hostilidades baseadas, particularmente, na cessação imediata de todos os ataques do Hezbollah e na cessação imediata, por Israel, de todas as operações militares ofensivas” (ROCHA MARTINS, 2016, p.32). Além disso, os principais assuntos abordados na resolução foram a cessação do conflito, a retirada das tropas israelenses do território libanês, o desarmamento do Hezbollah e a criação da Força-Tarefa Marítima (FTM), braço marítimo da Força Interina das Nações Unidas no Líbano <sup>14</sup>(UNIFIL).

O estopim foi quando, no início da manhã do dia 12 de julho, militantes do Hezbollah atacaram dois veículos blindados israelenses que patrulhavam a fronteira. Dos sete militares que estavam em patrulha, três foram mortos, dois ficaram feridos e dois foram sequestrados.

A situação em Israel era de certo desgaste político, pois, algumas semanas antes, um militar israelense também havia sido sequestrado, só que desta vez na faixa de Gaza, o que causou uma comoção nacional.

Diante deste cenário político-social apresentado, Israel inicia sua reação, realizando a Operação “Justa Recompensa” que se deu por meio de ataques aéreos em locais possivelmente dominados pelo Hezbollah. A grandiosidade do ataque é comparada com a invasão de 1982, também contra o território libanês.

Como destaca Chamma (2018), a resposta de Israel foi uma série de ataques aéreos e, posteriormente terrestres, que se estenderam por 34 dias, causando a morte de, pelo menos, 1.200 libaneses – a maioria civil – e 119 soldados e 45 civis israelenses. Ao decorrer do conflito, o Hezbollah lançou mais de 4.000 mísseis contra Israel. Um estudo indicou que

---

13 *“full cessation of hostilities based upon, in particular, the immediate cessation by Hizbollah of all attacks and the immediate cessation by Israel of all offensive military operations”.*

14 United Nations Interim Force in Lebanon.

os ataques aéreos de Israel causaram a destruição de 130.000 casas e trouxeram danos à economia e infraestrutura libanesa, estimados a US\$ 7 bilhões, CHAMMA (2018).

Cabe destacar que o fato de o Hezbollah não reconhecer o Estado de Israel e este, por alinhamento aos Estados Unidos da América (EUA), ter a missão de eliminar o “partido de Deus”, já causa uma situação instável entre os atores. Porém, ao fim da Guerra do verão, segundo o jornal eletrônico Daily Star (2015), tanto o Hezbollah quanto Israel têm adotado uma posição de dissuasão mútua, evitando grandes enfrentamentos e, portanto, mantendo uma relativa paz ao longo de suas fronteiras.

Durante o conflito, o Hezbollah mostrou sua força, dando continuidade ao lançamento de foguetes, impedindo o avanço israelense em território libanês, embora o Hezbollah estivesse enfrentando um inimigo altamente superior em recursos e capacidades. Dessa forma, o Hezbollah manteve o seu sistema de Comando e Controle e, apesar dos ataques aéreos e algumas limitações, também foi hábil em reabastecer seus foguetes e munições. Comandantes de alta patente das Forças de Defesa de Israel admitiram que a liderança do Hezbollah manteve contato com seus comandantes, e esses estabeleceram uma sofisticada rede de comunicações, apesar de uma interrupção causada por Israel (NAKHLEH, 2007).

Ao analisarmos o conflito, constatamos que, apesar de sua superioridade, como lembra Hanna (2008), Israel não conseguiu mais uma vez obter suas metas políticas. De fato, dado o tamanho bem maior do exército israelense e mantendo na memória a afirmação de Henry Kissinger<sup>15</sup>, a guerra se parece como uma derrota israelense.

#### 4.1.1 Os objetivos do Hezbollah

O objetivo inicial do Hezbollah era estabelecer uma zona de equilíbrio militar em ambos os lados da fronteira e impedir Israel de atacar o Líbano, acreditando que o custo do

---

<sup>15</sup> O exército convencional perde se não vencer. A guerrilha vence se ele não perde.

esforço de guerra seria alto pelos inimigos. Porém, ao iniciar o conflito, o Hezbollah considerou sua sobrevivência o principal objetivo. Para alcançá-lo deveria impedir Israel de atingir seus objetivos, preservando seu poder e suas capacidades militares. Sua intenção não era conduzir uma defesa estática e manter todo o território, mas atingir um alto número de baixas israelenses o que pressionaria o governo israelense em relação à opinião pública. Dessa forma, entende-se que ter sucesso nesses objetivos significaria vitória para o Hezbollah, conforme declarou o secretário-geral Hassan Nasrallah, em entrevista à TV al-Jazeera em 21 de julho: “a vitória de que estamos falando é quando a resistência sobrevive. Quando sua vontade não é quebrada, então isso é vitória. Quando não somos derrotados militarmente, então isso é vitória”. Consequentemente, os objetivos do Hezbollah refletiam e combatiam os objetivos e a estratégia de Israel, assim corrobora Tsu (2006) quando diz que é o importante na guerra é o ataque à estratégia do inimigo.

#### 4.1.2 Os objetivos de Israel

Para alguns estudiosos, a capacidade bélica do Hezbollah, principalmente seus mísseis, poderiam dissuadir Israel de atacar instalações nucleares do Irã SUSSER (2006). Por outro lado, Gambill (2006) entende que o Hezbollah não havia demonstrado intenção de sacrificar sua busca de hegemonia política entre libaneses xiitas para promover os interesses iranianos. Consequentemente, para Israel, o fluxo contínuo de armas do Hezbollah em direção à sua fronteira norte era preocupante, devido ao fato de ser incapaz de impedir esse esforço logístico. Portanto, solicitou aos Estados Unidos da América que pressionasse o governo libanês por meio de diálogo para concluir a implementação da Resolução 1559<sup>16</sup> do CSNU, particularmente o desarmamento do Hezbollah. O diálogo fracassou e a operação militar foi a decisão tomada por Israel. Apesar da frente de combate aos palestinos, Israel se preparava para o conflito de 2006, pois como escreve Makovsky (2006), as forças de defesa israelense

16 Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/1559>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

(IDF)<sup>17</sup> conduziram um jogo de guerra em junho de 2006, com base em cenários de conflito com o Hezbollah.

Ao evidenciar como objetivo inicial israelense o desarmamento do Hezbollah, percebeu-se claramente a aderência ao princípio de Clausewitz: “Pois, se a guerra é um ato de violência destinado a forçar o inimigo a fazer a nossa vontade, seu objetivo seria sempre e exclusivamente vencer o inimigo e desarmá-lo” (CLAUSEWITZ, 1989, p. 90, tradução<sup>18</sup> CMG (RM1) Valle). Todavia, com o início do conflito, seu objetivo foi redefinido e passou a ser destruição do Hezbollah, bem como de suas capacidades militares e a recuperação dos soldados anteriormente sequestrados.

Além dos objetivos israelenses declarados, Gambill (2006) considera em primeiro lugar que Israel tinha um forte desejo de vingança pela humilhante retirada do Líbano em 2000 e pelas constantes provocações do Hezbollah. Em segundo lugar, era necessária uma grande conquista para devolver seu prestígio e sua capacidade de dissuasão na região. Terceiro, a destruição da infraestrutura, casas e indústrias libanesas deixou claro que Israel queria atacar a economia libanesa e atrapalhar o turismo, pois, os quartos de hotel estavam lotados para o verão de 2006. E por último, em quarto lugar, o primeiro-ministro Olmert e o ministro da Defesa Peretz não tinham experiência militar e queriam demonstrar suas habilidades.

Ainda Gambill (2006) classifica os objetivos israelenses em quatro tipos a saber: militar, que deveria destruir e desarmar o Hezbollah; estratégico que deveria deter outros inimigos (Irã, Síria e Palestina); diplomático, que deveria implantar forças multinacionais; e político, que fortaleceria a coalizão de 14 de março<sup>19</sup> para conter o Hezbollah.

Para Chamma (2017), embora haja opiniões adversas, os objetivos políticos de

---

17 *Israel Defence Forces.*

18 *for if war is an act of violence meant to force the enemy to do our will its aim would have always and solely to be to overcome the enemy and disarm him.*

19 Coalizão pró-Occidente, que reúne os principais grupos sunitas, cristãos e drusos do Líbano.



Israel, concentraram-se em restabelecer sua dissuasão na região ao afirmar que não admitiria ataques transfronteiriços contra seus soldados e cidadãos e edificar uma nova realidade no Líbano, na qual o governo exerceria maior soberania sobre seu território, suprimindo o status do Hezbollah como um “Estado dentro do Estado”.

#### 4.1.3 Hezbollah: uma nova postura aparece

A qualidade, a organização e a resistência de seu desempenho militar excederam as expectativas israelenses em praticamente todos os domínios, seja na concentração de foguetes ao norte de Israel, seja sua capacidade de interceptação de comunicações e até mesmo sua engenhosa camuflagem de equipamentos militares e bunkers. Dessa forma, pode-se considerar que o Hezbollah executou uma operação tática de surpresa de primeira qualidade (HANNA, 2008).

No âmbito da inteligência, Chamma (2017) também menciona que o Hezbollah, antes e depois da guerra, obteve êxito em seus esforços de inteligência, em cooperação com a inteligência libanesa, que prendeu pelo menos 16 espões israelenses. Além disso, municiou informações falsas a Israel sobre suas posições estratégicas, obtendo, assim, certa vantagem tática. Em termos de Comando e Controle (C2), mesmo com intensos ataques aéreos israelenses, o Hezbollah manteve seus líderes em contato com seus comandantes em campo, mantendo uma rede robusta de comunicações (CROOKE e PERRY, 2006).

Para tentar mostrar o nível de organização e a capacidade de planejamento do grupo xiita em relação a guerra de 2006, Hanna (2008) analisa, em termos de lições aprendidas, sete pontos-chaves dos discursos de Nasrallah ocorridos momentos antes do conflito:

1. O Hezbollah identificou três possíveis ações que Israel poderia adotar contra o território libanês: um violento bombardeio sem ocupação terrestre, como aconteceu em 1993 e

1996; um violento bombardeio com agressão parcial e temporária, como na operação em Litani em 1978; e um violento bombardeio com uma ocupação completa e de longa duração, durante a invasão israelense (1982-2000).

2. O Hezbollah estudou todas as lições possíveis das guerras israelenses anteriores.

3. O Hezbollah estudou as forças e fraquezas das forças israelenses, tomando como o ponto inicial a expressão de Sun Tzu, “Conheça o inimigo e a si mesmo e você obterá a vitória sem qualquer perigo.”

4. O Hezbollah examinou e mapeou o teatro de operações<sup>20</sup> antes da guerra. De fato, o Hezbollah se impôs no campo de batalha, dando aos israelenses a impressão que, não importava o que eles fizessem fora desta área, o que acontecesse nela determinaria quem ganharia ou perderia a batalha.

5. O Hezbollah analisou a cultura estratégica que Israel tinha acumulado em todas as guerras entre árabes e israelenses. O fundador dessa cultura foi David Ben-Gurion<sup>21</sup>. Dessa forma, um dos princípios mais importantes da cultura de estratégia de Israel é “Se você quiser travar uma guerra com seus inimigos árabes é necessário derrotá-los de tal forma que eles fiquem impossibilitados de se reorganizar para outro confronto por muito tempo.” (BEN-GURION, 2009). Porém, em função dos altos custos envolvidos das guerras de aniquilação, Israel combinou o conceito de Clausewitz sobre aniquilação com o de B. H. Lidell Hart que defendia uma atitude indireta. A combinação dessas duas concepções produziu uma estratégia baseada na manobra, superioridade aérea e poder de fogo bem superior ao do inimigo.

6. Após determinar como seria o campo de batalha, estudar a doutrina das forças militares israelenses e absorver as lições aprendidas de conflitos anteriores com Israel, o Hezbollah decidiu que dependeria de uma defesa avançada enquanto explorava a

---

20 Área compreendia entre a linha azul e o rio Litani.

21 Um adepto do pensamento de Clausewitz da necessidade de aniquilar os inimigos.

profundidade geográfica.

7. A nova postura militar no terreno do Hezbollah impôs equipamentos e treinamentos compatíveis para opor-se a qualidade das forças de Israel. Ainda necessitou de modernas armas anticarros, as quais o Hezbollah adquiriu em quantidade. A estrutura operacional foi completada com a aquisição de uma exclusiva linha de foguetes de curto, médio e longo alcance. O ponto importante sobre os foguetes foi que eles eram capazes de alcançar alvos no interior do território israelense.

Assim, verifica-se que a análise acima demonstrada, nos faz perceber que o Hezbollah se preparou durante muito tempo para um possível conflito com Israel.

A integração do Hezbollah na vida política libanesa chamou a atenção de vários políticos e estudiosos no Ocidente, assim argumentaram que a forte influência política pode comprometer a democracia do Líbano, ou trabalhar em favor de neutralizar ainda mais o braço armado do partido (Norton, 2007). Assim, acredita-se que tal transformação poderia trazer paz à região, pois, colocando pressão sobre a Síria e o Irã, que têm influência substancial sobre o Hezbollah, a organização podia desarmar sua atividade militar e passar direta e exclusivamente para a vida política. Na opinião de Norton (2007), a luta de hoje é mais político e ideológico do que cultural.

#### 4.1.4 Consequências do conflito

As consequências da segunda guerra do Líbano podem ter sido mais perigosas do que a própria guerra. Percebendo, suas possíveis limitações significativas em sua capacidade de conduzir operações militares, e temendo o crescente desejo nacional e internacional de desarmá-lo, o Hezbollah buscou se fortalecer politicamente, se beneficiando de erros políticos do governo que levaram outros partidos, particularmente o mais importante líder cristão, General Michel Aoun, a apoiar os xiitas.

Com essa aliança, tornaram-se o maior grupo de oposição ao governo e, por isso, tentaram alterar o arranjo de ministros para um terço mais um, a fim de evitar que o gabinete decretasse decisões importantes que precisassem da aprovação de dois terços de seus membros, como por exemplo o desarmamento do Hezbollah. Como o governo recusou esse novo arranjo, a oposição pediu eleições parlamentares antecipadas.

Dessa forma, apesar da tentativa do Hezbollah, de fazer da sua oposição em caráter nacional, através de alianças amplas e através da nomeação do general Aoun como líder da oposição, muitos ainda percebem que o Hezbollah e os xiitas são o principal catalisador do debate político, e eles poderiam ser os maiores beneficiários.

Sob o ponto de vista econômico, mesmo com assistência financeira, o Líbano necessitaria de muitos anos para superar as perdas da guerra de 2006. Vários apoios nacionais e internacionais foram conseguidos, dentre os mais importantes, foi o da Conferência de Paris III<sup>22</sup>, que forneceu ao Líbano mais de US \$ 7 bilhões. Mas sem reformas econômicas para garantir o uso dos fundos da maneira apropriada, e sem estabilidade política e de segurança, esses valores poderiam ser mal geridos, ocasionando um aumento da dívida pública para cerca de US \$ 50 bilhões.

Militarmente, foi demonstrado que as forças armadas convencionais, sem participar diretamente no conflito, desempenharam um papel eficaz no controle da situação no sul e ao longo das fronteiras com a Síria e Israel, e mantendo a segurança doméstica. Pelo lado do “partido de Deus”, a estratégia de manter um equilíbrio na fronteira sul e desta maneira tentar dissuadir Israel fracassou, uma vez que não conseguiu impedir a entrada dos sionistas na guerra.

#### 4.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em que pese, o poderio militar e econômico muito superior em relação ao

---

22 Conferência internacional sobre as crianças soldado ocorrida em 2007 na cidade de Paris..

Hezbollah, durante a guerra do verão, o Estado israelense, mesmo causando muitas baixas no grupo xiita e destruindo algumas de suas estruturas e armamentos, não obteve a vitória no conflito. Por outro lado, o “partido de Deus”, mostrou-se organizado e planejou bem sua estratégia, estudando a história belicosa de Israel.

Também é preciso salientar que o fortalecimento político do Hezbollah ao longo do tempo pode influenciar na sua legitimidade interna e externa, apesar de parecer difícil de ocorrer sem desmantelar seu braço armado. Além disso, o Hezbollah ficou reconhecido como uma resistência nacional por parte do governo libanês, tornando-o um candidato ator militar libanês para defesa em conjunto com seu Exército Nacional.

A incapacidade de Israel derrotar o Hezbollah ocasionou várias mudanças, principalmente nos níveis político e militar. O governo perdeu muito de sua credibilidade pública, por exemplo, a população pressionava o primeiro-ministro e o ministro da Defesa a renunciarem seus cargos, culpava sucessivos governos por permitir que o Hezbollah adquirisse mais de 12.000 mísseis. O primeiro-ministro israelense sofreu a mais rápida queda nos índices de aprovação pública de um primeiro-ministro israelense em décadas e foi visto como incapaz de garantir a segurança de Israel. No âmbito militar, a guerra provou à Israel que, em uma guerra assimétrica<sup>1</sup>, tanques, superioridade aérea ou Marinha não são obrigatoriamente eficazes.

## **5 CONFRONTO DA TEORIA COM A REALIDADE NA GUERRA DE 2006**

O desafio deste capítulo é conseguir, a partir da conceituação teórica do capítulo 2, confrontar com a postura do Hezbollah durante a guerra de 2006, produzindo argumentação necessária para que se possa responder a questão de pesquisa no próximo capítulo.

### **5.1 A COMPLEXIDADE**

O tema escolhido para esta dissertação reuniu a complexidade na definição do termo terrorismo por especialistas, Estados e instituições, com a complexidade do Hezbollah desde de sua formação até os dias atuais.

Como visto anteriormente, as inúmeras definições de terrorismo, dificultam o estabelecimento de um consenso e conseqüentemente, impossibilita extrair uma definição que possa ter aderência ou com a postura do grupo libanês estudada na guerra de 2006, pois cada definição é construída sob realidades políticas e ideológicas distintas. Para exemplificar, os Estados Unidos da América não se tem uma definição comum para terrorismo. Com objetivo de mapear 109 definições de terrorismo, Schmid e Jongman (1988) as analisa e produz uma tipologia em forma de tabela por frequência do elemento que caracteriza cada definição. Para confrontar as ações do Hezbollah na segunda guerra do Líbano com as definições de terrorismo, usaremos como parâmetros os elementos caracterizadores da tabela que se segue:

Elemento caracterizador	Frequência (%)
Violência, Força	83,5
Filiação Política	65
Medo	51
Ameaça	47
Efeitos psicológicos e reações esperadas	41,5
Diferenciação do alvo	37,5
Ação organizada, planeada, sistemática e propositada	32
Método de combate, estratégia, tática	30,5
Extranormalidade, quebrando as regras aceites, sem limites humanitários	30
Coerção, extorsão, colaboração forçada	28
Aspeto publicitário	21,5
Arbitrariedade, impessoal, caráter aleatório, indiscriminado	21
Civis, não combatentes, neutrais, estrangeiros como vítimas	17,5
Intimidação	17
Enfatização da inocência das vítimas	15,5
Grupo, movimento, organização como autor	14
Aspeto simbólico, demonstração a outros	13,5
Imprevisibilidade da ocorrência de violência	9
Clandestinidade, natureza secreta	9
Repetição, campanha de violência sistemática	7
Criminosa	6
Exigências feitas por terceiros	4

Tabela<sup>23</sup>: Frequências de elementos de definição em 109 definições de terrorismo (SCHMID E JONGMAN, 1988, p.5, tradução nossa)

## 5.2 A DEFINIÇÃO NORTE-AMERICANA

De acordo com o FBI, a definição de terrorismo é o uso ilegítimo da força ou violência contra pessoas ou propriedade para intimidar ou coagir um governo, a população civil, para alcançar objetivos políticos ou sociais.

Apesar de alegar que o uso seu braço militar de forma organizada, para defender a soberania do Estado libanês, por incapacidade da força armada regular do Líbano, entende-se que a vertente armada do Hezbollah tem aderência na definição norte-americana, por não ter legitimidade do uso da força.

## 5.3 A VISÃO DA ONU

A Assembleia Geral das Nações unidas criou as medidas para mitigar o

<sup>23</sup> *Frequencies of definitional elements in 109 definitions of terrorism.*

terrorismo internacional e considera terrorismo como atos criminosos<sup>24</sup> que não são justificáveis em nenhuma circunstância, quaisquer que sejam as considerações políticas, filosóficas, raciais, étnicas, religiosas ou de outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.

Com essa abrangente definição da ONU, pode-se interpretar que, apesar do Hezbollah tenha sequestrado dois militares israelenses e provocado o início do conflito, durante a efetiva guerra de 2006, o grupo teria agido em autodefesa e assim desqualificando como atos criminosos suas ações. Dessa forma, entende-se que a vertente armada do Hezbollah tem não tem aderência na definição da ONU, por ter revidado os ataques de Israel.

#### 5.4 O POSICIONAMENTO PALESTINO

Em seu pronunciamento, o líder palestino Yasser Arafat, em 1994, demonstra seu pensamento sobre terrorismo e explica que a diferença entre um revolucionário e um terrorista está na razão com que cada um luta. E diz “porque todo que defende uma causa justa e luta pela liberdade e pela liberação de sua terra dos invasores ou contra colonizadores não pode ser chamado de terrorista”

Pode-se perceber uma maior parcialidade na declaração de Arafat, em comparação com as definições norte-americana e a da ONU. Assim, não é necessária uma análise profunda para legitimar as ações militares do Hezbollah na guerra de 2006 e sua consequente aderência ao discurso do líder palestino.

#### 5.5 A MÍDIA A FAVOR DO HEZBOLLAH

Como visto anteriormente, a figura 2 de Norris (2003) apresenta um quadro analítico que mostra todo o processo da cobertura jornalística de um ato terrorista,

---

24 Ação ou omissão, cuja descrição se ajusta à de uma conduta típica delituosa, isto é, conduta que corresponde a “tipo” de crime, especificado na lei. Para mais, ver: <[www.encyclopedia-juridica.biz14.com/pt/d/ato-criminoso/ato-criminoso.htm](http://www.encyclopedia-juridica.biz14.com/pt/d/ato-criminoso/ato-criminoso.htm)>.



identificando fatores que contribuem para criação de notícias e como estas influenciam a opinião pública e o processo político.

Pode-se constatar através da pesquisa que a participação da mídia na guerra de 2006, favoreceu de certa forma ao Hezbollah de três formas distintas. A primeira foi através dos pronunciamentos de seus líderes, com o intuito de externar os objetivos e metas da organização. A segunda foi buscar respeito e simpatia pelos espectadores, ao transmitir ações ao vivo de civis massacrados e instalações não militares destruídas. Já a terceira foi a tentativa de ganhar legitimidade e credibilidade, ao transmitir imagens ao vivo de membros do braço armado resistindo e tendo sucesso nos ataques contra Israel.

É possível, então, observar que, por meio das três formas exploradas pelo “partido de Deus”, o conceito de Norris (2003) foi claramente utilizado na tentativa de explorar a opinião pública interna e externa, com intuito de atingir seus objetivos políticos.

## 5.6 A CONQUISTA POLÍTICA

Embora no trabalho não tenha explorado um conceito específico de influência política e conquista do poder através da política, faz-se necessário destacar a evolução política do Hezbollah ao longo tempo, culminando numa razoável influência durante a guerra de 2006, o que contribuiu sobremaneira para o seu fortalecimento na região.

## 5.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A escolha das definições teve como critério selecionar uma com visão ocidental, a norte-americana, uma com visão global, a da ONU e a última com a visão do mundo árabe. Ao confrontar as definições com as ações do Hezbollah na guerra de 2006, percebe-se que para as definições ocidentais e do mundo, a ilegitimidade do braço do grupo xiita, faz com que o Hezbollah seja classificado como grupo terrorista. Porém, sob o ponto de vista

palestino, o “partido de Deus” é enquadrado como um grupo de resistência que luta pela soberania do Estado libanês.

Por fim, é de se destacar como o Hezbollah utilizou a mídia a seu favor, mostrando mais uma vez que passou a ser organizado não só militarmente, mas também explorando a mídia.

## 6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se analisar se a mudança de postura nas ações belicosas do grupo libanês Hezbollah contra o Estado de Israel, identificada durante a guerra de 2006, à luz das definições e conceitos de terrorismo apresentados no capítulo dois, pode influenciar na classificação daquele grupo xiita como grupo terrorista, partido político com braço armado ou partido político, considerando apenas o seu braço armado como terrorista.

Com intuito de contribuir para o atingimento do propósito do trabalho, foram pesquisados inúmeros conceitos e definições acerca do terrorismo e assim, pôde-se constatar o quão complexo e abrangente o tema se apresentou.

Em que pese a vasta bibliografia e a complexidade de se definir terrorismo, pode-se depreender que esse fato não limitou a pesquisa, pelo contrário, provocou um incentivo ainda maior pelo estudo da mudança de postura do “Partido de Deus” na guerra de 2006, a fim de tentar construir argumentos sólidos e responder a questão de pesquisa desta dissertação.

Além de constatar uma polissemia no conceito de terrorismo que dificulta enquadrar determinado grupo como terrorista ou classificá-lo como não-terrorista, percebe-se que a legitimidade do uso da força praticada por um ator não-estatal, dependendo de sua postura e objetivos, apesar de difícil, pode ser alcançada. No que se refere a mídia, com seu papel fundamental na influência da opinião pública, seu uso, por terroristas/atores não-estatais, pode contribuir para que os objetivos políticos desses grupos sejam alcançados e que suas ações violentas ou belicosas possam ter legitimidade.

Dessa forma, pôde-se perceber uma considerável transformação do Hezbollah desde sua criação até o fim da segunda guerra do Líbano (2006). O fortalecimento do grupo se deu por diversos motivos ao longo dos anos, mas os que se seguem tem maior destaque: a participação de ações de bem-estar à população libanesa, sua ascensão e influência política,

no que se refere ao braço armado, o apoio do Irã em treinamento, aprimorando suas táticas, fornecimento de armas, e ainda participações externas. Todos esses fatores contribuíram para tornar o “partido de Deus” organizado em todas as suas atividades, o que pode ser percebido durante a guerra de 2006. A vida política do Hezbollah fortaleceu-se ao longo dos anos, tornando-se uma das partes mais importantes do Líbano. Começou seu diálogo aberto com o cristãos, sunitas e outras seitas religiosas no Líbano que eventualmente levaram a estabelecimento de novas coalizões.

Apesar de a superioridade militar e econômica em relação ao Hezbollah, durante a guerra do verão, o Estado israelense, mesmo causando muitas baixas no grupo xiita e destruindo algumas de suas estruturas e armamentos, não percebeu uma vitória no conflito.

Por outro lado, o “partido de Deus”, mostrou-se organizado e planejou sua estratégia, estudando a história belicosa de Israel. Também é preciso salientar que o fortalecimento político do Hezbollah ao longo tempo pode influenciar na percepção de sua legitimidade interna e externa, apesar de parecer difícil de ocorrer sem dismantelar seu braço armado. Além disso, o Hezbollah ficou reconhecido como uma resistência nacional por parte do governo libanês, tornando-o um candidato a ator militar libanês para defesa em conjunto com seu Exército Nacional.

Dessa forma, foi possível constatar que, ao se confrontar as definições de terrorismo com as ações do Hezbollah na guerra de 2006, percebeu-se que para as definições estadunidenses e da ONU, o braço armado do Hezbollah é enquadrado como grupo terrorista. Porém, sob o ponto de vista palestino, o “partido de Deus” é enquadrado como um grupo de resistência que luta pela soberania do Estado libanês.

Assim, as principais considerações apresentadas neste capítulo mostram os aspectos mais importantes do problema e interligá-las neste momento, vai propiciar uma conclusão mais fundamentada.

De forma consubstanciada, pode-se concluir que apenas o braço armado do Hezbollah atuou como grupo terrorista na guerra de 2006. Cabe ressaltar, ainda, que a legitimidade desejada pelo “partido de Deus” poderá ser percebida no sistema internacional, renuncie ao seu braço armado ou o incorpore formalmente no exército regular libanês.

Assim, espera-se que o trabalho tenha contribuído para uma reflexão sobre a necessidade de se buscar um conceito consensual de terrorismo, pois os existentes variam de acordo com a vontade política dos atores envolvidos.

Por fim, a presente pesquisa não esgota o assunto e sugere-se, como futura linha de pesquisa uma análise de como o fortalecimento do Hezbollah pode contribuir para a estabilidade no Oriente Médio.

## REFERÊNCIAS

AZANI, Eitan. Hezbollah's strategy of walking on the edge: between political game and political violence. **Studies in Conflict and Terrorism**, v. 35, n. 11, p. 741-759, 2012.

\_\_\_\_\_. **Hezbollah: The Story of the Party of God from revolution to institutionalization.** New York: Palgrave Macmillan, 2011. 319p.

\_\_\_\_\_. The hybrid terrorist organization: Hezbollah as a case study. **Studies in Conflict and Terrorism**, v. 36, n. 11, p. 899-916, 2013.

BEN-GURION, David. **From Class to Nation: Chapters in Clarifying the Path and Purpose of the Workers Movements.** Tel Aviv: Davar, 1993.

\_\_\_\_\_. **MD-35-G-01: Glossário das Forças Armadas.** 5. ed. Brasília: [s.n],2015.294p.

Disponívelem:<<https://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcas-armadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

CHAMA, Vanessa Miguel. Fortalecimento do Hezbollah após a Guerra de 2006. **Revista Fronteira**, Belo Horizonte, v. 17, n.33, p. 22-46, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/viewFile/15766/13492>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On War.** Tradução de Michael Howard e Peter Paret. New Jersey: Princeton University Press, 1989. 732p.

CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Security Council resolution 1566 (2004) on Threats to international peace and security caused by terrorist acts.** 8 Out. 2004. Disponível em: <[http://dag.un.org/bitstream/handle/11176/23154/S\\_RES\\_1566%282004%29-EN.pdf?sequence=3&isAllowed=y](http://dag.un.org/bitstream/handle/11176/23154/S_RES_1566%282004%29-EN.pdf?sequence=3&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 mar. 2019.

COPPEDGE, Michael. **Strong Parties and Lame Ducks: Presidential Partyarchy and Factionalism in Venezuela.** Stanford: Stanford University Press, 1994.

CROOKE, Alastair; PERRY, Mark. How Hizbollah Defeated Israel – Part 2: Winning the Ground War. **Asia Times online.** 13 Out. 2006 [online]. Disponível em:

<[http://www.atimes.com/atimes/Middle\\_East/HJ12Ak01.html](http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/HJ12Ak01.html); Internet>. Acesso em: 16 maio 2019.

DAHER, Joseph. **Hezbollah: The political economy of the party of God**. London: Pluto Press, 2016. 288p.

DEGAUT, M. **O desafio global do terrorismo**. Política e segurança em tempos de instabilidade. Brasília-DF: *CSI Publishing*, 2014. ISBN-13: 978-1500887902.

FRANÇA, Júnia L. VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, 240p.

FRANJIE, A. **The Evolution of Hezbollah: Party Formation and Political Legitimacy**. 2011. Tese (Master of Science Conflict Analysis and Resolution - Master of Arts Conflict Resolution and Mediterranean Security) – Graduate Faculty of George Mason University. Fairfax - VA, 2011.

FREUND, Julien. **Sociología del conflicto**. Madrid: Ediciones Ejército, 1995. 310p.

GALTUNG, J. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, v. 27, n. 3. p. 291-305, 1990.

GAMBILL, Gary C. Implications of the Israel-Hezbollah War. **Mideast Monitor**, September-October, 2006 [online journal]. Disponível em: <[http://www.mideastmonitor.org/issues/0609/0609\\_2.htm](http://www.mideastmonitor.org/issues/0609/0609_2.htm); Internet>. Acesso em: 5 mar. 2019.

GANOR, Boas. The changing form of incitement to terror and violence: the need for a new international response. **Jerusalem Center for Public Affairs**. Konrad Adenauer Stiftung. Jerusalem, 2012. Disponível em: <[http://jcpa.org/wp-content/uploads/2012/11/INCITEMENT\\_TO\\_TERROR\\_Full\\_study.pdf](http://jcpa.org/wp-content/uploads/2012/11/INCITEMENT_TO_TERROR_Full_study.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2019.

GONÇALVES, Joanisval Brito; REIS, Marcus Vinícios. **Terrorismo: conhecimento e combate**. Niterói, RJ: Impetus, 2017.

HANNA, Elias. Lições aprendidas na recente Guerra no Líbano. **Military Review**, [S.l.], p. 40-48, Janeiro-Fevereiro, 2008. Disponível em: <<http://www.ecsbddefesa.com.br/fts/MRjanfeb08.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

HART, B. H. Liddell. **Strategy**. 2 ed. New York: Meridian, 1991. 366p.

HUNTINGTON, Samuel. The Clash of Civilizations? **Foreign Affairs**, n. 72, 1993. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1993-06-01/clash>>

[civilizations](#)>. Acesso em 29 jun. 2019.

JOBIM, Claudio Muniz. **A Lógica Fuzzy em apoio ao Processo de Tomada de Decisão: a Prontidão das Forças Armadas e a Ameaça Terrorista**. 2019. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Mestrado Profissional em Estudos Marítimos) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2019.

LINS, J.; STEPAN, A. **A transição e consolidação da democracia**. A experiência do Sul da Europa e da América do Sul. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MAKOVSKY, David; WHITE, Jeffrey. **Lessons and Implications of the Israel-Hizballah War: A Preliminary Assessment**. Washington, D.C.: Washington Institute for Near East Policy, 2006. Disponível em: <<http://www.washingtoninstitute.org/pubPDFs/PolicyFocus60.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MARTINS, Antonio César da Rocha. **A UNIFIL, o Brasil e seus condicionantes de defesa**. 2016. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Política e Estratégia Marítima) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2016.

MOREIRA, Adriano. **Insegurança sem fronteira: o martírio dos inocentes**. Lisboa: Almedina, 2004.

MULAJ, K. **Violent Non-State Actors in World Politics**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010.

NAKHLEH, Hany T. **The 2006 Israeli War on Lebanon: Analysis and Strategic Implications**. Philadelphia: U.S. Army War College, 2007.

NORRIS, N. **Framing terrorism: The news media, the government and the public**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Voice of Hezbollah: the statements of sayyed Hassen Nasrallah**. Londres: Verso, 2007

NORTON, Augustus Richard. **Hezbollah: A short story**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Hezbollah: A short history**. 5. ed. Woodstock: Princeton University, 2014. 205p.



SCHMID, A. P., Albert J. JONGMAN, A. J. 1988 **Political terrorism**: A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories and literature New Brunswick, NJ: Transaction Books.

SCHMID, Alex P. **The Routledge Handbook Of Terrorism Research**. 1. ed. Estados Unidos: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

SINAI, J. How to define terrorism. **Perspectives on Terrorism**, v. 2, p. 9–11, 2008.

SUSSER, Asher. The War in Lebanon and the New Middle East. **Defence and International Security**, v. 26, n. 4, p. 32-36, Out. 2009. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03071840609442032>>. Acesso em 20 jun. 2019.

TZU, S. **A arte da guerra**. Porto Alegre: LP&M Pocket, 2006.

\_\_\_\_\_. **The Art of War**. Tradução e Introdução de Samuel B. Griffith. New York: Oxford University Press, 197.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular**: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009. 368p.

WHITTAKER, D. J. (Org.). **Terrorismo**: um retrato. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

WIEGAND, Krista. Reformation of a terrorist group: Hezbollah as a Lebanese Political Party. **Studies in Conflict and Terrorism**, v. 32, n. 8, p. 669-680, 2009.

WOLOSZYN, André Luiz. **Terrorismo Global: aspectos gerais e criminais**. Porto Alegre: EST edições, 2009. 215p.